

**Uma revolução que não deve ser esquecida:
Alemanha, 1918-1923**
George Araújo*

Resumo:

Com a derrota na Primeira Guerra Mundial, a Alemanha mergulhou em uma grave crise política, econômica e social, abrindo-se um dos períodos mais conturbados de sua história. Entre 1918 e 1923, houve uma série de tentativas fracassadas de grupos de esquerda de tomar o poder e promover uma revolução socialista. Apesar de derrotada, a “Revolução Alemã” é um tema de interesse para o momento atual, de crise do capitalismo, já que também naqueles tempos, muitos enxergavam a época em que viviam como uma oportunidade de se repensar as estruturas socioeconômicas às quais estavam submetidos ou mesmo de se tentar construir algo diferente.

Palavras-chave: Alemanha; República de Weimar; Revolução Alemã de 1918-1923

Abstract:

After being defeated at the World War One, Germany plunged into a serious political, economic and social crisis, opening up one of the most troubled periods in its history. Between 1918 and 1923, there were a lot of failed attempts of left-wing groups to take the power and promote a socialist revolution. Although defeated, the “German Revolution” is a topic of interest to the present time, of capitalism’s crisis, because as today, many saw the time they were living as an opportunity to rethink the socioeconomic structures of which they were submitted or even try to build something different.

Keywords: Germany; Weimar Republic; German Revolution of 1918-1923

* Licenciado em História pela UFMG e atualmente cursando o bacharelado pela mesma instituição, e-mail: geoaraujo@ymail.com.

Introdução

Entre 1871 e 1914, a Europa atravessou o período conhecido como *belle époque*. Considerada por muitos de seus contemporâneos uma “fase dourada” do capitalismo liberal, foi uma etapa de grande prosperidade econômica, desenvolvimento científico-industrial e progresso material e moral. Esses avanços propiciaram um certo clima intelectual que fazia com que muitos acreditassem em uma espécie de “progresso infinito” da sociedade europeia. Entretanto, havia pelo menos dois elementos que acarretavam grande instabilidade.

Durante a *belle époque* cresceu a atividade sindical e alguns movimentos contrários à ordem capitalista vigente, como o anarquista e o socialista, passaram por uma fase de ascensão, ao mesmo tempo em que suas atividades eram duramente reprimidas pelas autoridades. Ademais, as potências europeias viviam em um estado de permanente tensão pela disputa econômica por mercados, colônias e áreas de influência. Essa rivalidade imperialista, juntamente com outros fatores como o nacionalismo, fazia com que a “paz armada” estabelecida entre elas (principalmente França, Inglaterra e Rússia *versus* Alemanha, Império Austro-Húngaro e Império Otomano) chegasse rapidamente ao fim.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) – chamada à época de *Grande Guerra* - marcou uma profunda ruptura entre o antes e o depois da história europeia e mundial. “Para os que cresceram antes de 1914, o contraste foi tão impressionante que muitos (...) se recusaram a ver qualquer continuidade com o passado.” (HOBBSAWM, 1997: 30). Terminada a Grande Guerra, as mudanças foram drásticas. Impérios e dinastias seculares eram varridos do mapa, dando lugar a novos países; muitos deles repúblicas inspiradas por nacionalismo de caráter etnolinguístico. Na Rússia, o regime revolucionário instaurado pela Revolução de Outubro de 1917, ameaçava subverter toda a ordem existente e servia de inspiração para militantes revolucionários de todo o globo. Destarte, abriu-se uma época de grandes transformações, onde “mudar o mundo” havia deixado de ser apenas uma

expressão retórica, e a prática revolucionária estava na ordem do dia. A Alemanha foi um dos países que viveram esse período de maneira dramática, sofrendo diversas e intensas mudanças.

Com efeito, com a abdicação do *Kaiser*, a derrota na Grande Guerra, a rendição incondicional, a proclamação da República de Weimar e a assinatura do Tratado de Versalhes, a Alemanha mergulhava em uma grave crise política, econômica e social, inaugurando um dos períodos mais conturbados de sua história.

Nosso objetivo neste trabalho é proporcionar um panorama histórico desses acontecimentos, com o escopo de mostrar como engendraram um processo revolucionário que fez dessa convulsionada Alemanha um lugar de fundamental importância para o movimento operário internacional de começos do século XX. Uma vez que o desenlace da Revolução Alemã seria, em certa medida, determinante para as histórias europeia e mundial, foi interpretada das mais diferentes maneiras, de acordo com o perfil do historiador e as condições histórico-sociais nas quais estava inserido.

Evidentemente, não podem ser desconsideradas as implicações políticas que essas interpretações acarretavam, quanto mais porque durante boa parte do século XX esteve em curso a chamada Guerra Fria e existiam *dois Estados alemães* que disputavam a hegemonia sobre a “história nacional”. Basicamente, as hipóteses levantadas pelos pesquisadores foram problematizadas em função das seguintes questões: A Alemanha estava à beira de uma revolução bolchevique? Qual foi o papel desempenhado por Rosa Luxemburgo e pela Liga Espartaquista? Como agiram os conselhos de operários e soldados durante os episódios de efervescência revolucionária? Houve no período a derrota de uma “revolução proletária” ou apenas reformas de caráter democrático-burguês que visavam o estabelecimento de uma república parlamentar? Havia possibilidades reais da instauração de um regime socialista no contexto alemão da época? Teria o Partido Social-Democrata Alemão “traído” o movimento revolucionário? Como a divisão da esquerda em grupos antagônicos contribuiu para o fracasso do movimento?

George Araújo

Ao final, faremos um breve resumo das principais correntes interpretativas (incluindo as que tiveram lugar na própria historiografia alemã), já que a comparação entre elas pode, sem dúvida, contribuir para uma melhor compreensão do tema.

O Império Alemão e a derrota na Grande Guerra

Quando o Império Alemão entrou na Grande Guerra, um fervor nacionalista tomou conta de praticamente toda a população. Até mesmo o SPD (Partido Social-Democrata Alemão) – o maior partido socialista da época –, havia contrariado suas próprias resoluções anteriores e votado a favor dos créditos de guerra no parlamento, justificando o apoio ao governo afirmando tratar-se da “defesa da civilização [alemã] (...) *versus* barbárie eslava representada pelo regime czarista, carrasco das liberdades” (REIS FILHO, 1984: 12). Dessa forma, os conflitos socioeconômicos entre burguesia e trabalhadores haviam sido deixados para um segundo plano em vista das necessidades da colaboração de classes em prol da “união nacional”. Os poucos que discordavam dessa postura tiveram de silenciar, já que havia o risco de perderem seus empregos, serem enviados para a prisão ou mesmo para a linha de frente.

Passado o primeiro momento de febre nacionalista e absoluta confiança em uma vitória rápida, começaram a ocorrer manifestações contra uma guerra que se arrastava e tornava difícil a vida da população.

Em 1917, três anos após o início dos combates, o Império Alemão estava virtualmente derrotado. Os generais tinham conhecimento da impossibilidade de se vencer a guerra e os combates apenas prolongavam o sofrimento dos habitantes do *Reich*. A situação desesperadora do país ficava cada dia mais evidente. Demonstrações populares contra o conflito alastravam-se por toda parte, greves paralisavam a produção e motins de soldados eram cada vez mais frequentes. Enquanto isso, no interior do SPD, setores mais radicais divergiam publicamente da linha adotada pela direção nacional de apoio à guerra, até que acabaram sendo expulsos em

janeiro de 1917. Em abril, esses setores formam o USPD (Partido Social-democrata Alemão Independente), onde conviviam correntes de esquerda das mais diversas tendências e que tinham em comum o fato de serem contrárias à política adotada pelo setor majoritário. O USPD também abrigava dois grupos revolucionários: a Liga Espartaquista (dirigida por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht), que havia aderido ao novo partido, mas mantinha organização e linha política próprias; e os chamados “delegados revolucionários” (*revolutionäre Obleute*), um reduzido setor independente, surgido nas fábricas berlinenses nos primeiros anos do conflito, que rejeitava a política de união nacional e apoio à guerra defendida pelos majoritários e sindicatos oficiais.

Ao mesmo tempo, alguns políticos, percebendo o crescimento do repúdio à guerra junto à opinião pública, tentavam iniciar negociações de paz. Neste ínterim, ocorreu a Revolução Russa de outubro de 1917, que teve repercussões profundas na Alemanha. Os generais alemães aproveitaram-se do momento extremamente difícil enfrentado pelos bolcheviques e negociaram um tratado de paz extremamente duro, que impunha pesadas perdas territoriais à Rússia. Esse tratado seria assinado no dia 3 de março de 1918, ficando conhecido como Tratado de Brest-Litovsk. Porém, a entrada dos Estados Unidos da América na guerra, ao lado da Tríplice Entente, em abril de 1917, contrabalançava eventuais efeitos favoráveis que poderiam advir do fim das hostilidades com a Rússia.

Em 28 de janeiro de 1918, uma greve geral, que tinha por objetivo forçar o governo a assinar a paz, irrompeu em Berlim, alastrando-se para várias outras cidades no dia seguinte. Forma-se um comitê de greve, composto por membros dos “delegados revolucionários”, do SPD e do USPD. As diferenças políticas entre as partes não deixam de suscitar atritos. Os social-democratas majoritários, liderados por Friedrich Ebert, haviam entrado no movimento com o propósito manifesto de contê-lo, ao passo que os sindicatos mostravam-se passivos e cúmplices das autoridades. O movimento grevista fracassa, sobrevém uma repressão brutal e prisões em massa. Entre os presos encontravam-se importantes dirigentes da Liga Espartaquista, como Leo Jogiches, detido em março.

George Araújo

O que podemos concluir de todo esse movimento grevista de oposição à guerra? Enquanto antes de 1914 os trabalhadores seguiam as lideranças social-democratas, sindicais e do próprio partido, nos dois últimos anos da guerra, o número e o caráter das greves mostram claramente que os trabalhadores, com frequência cada vez maior, se auto-organizam ou seguem os líderes da oposição (USPD e delegados revolucionários, e em menor escala os spartakistas). A derrota violenta da greve de janeiro de 1918 ficou na memória dos trabalhadores alemães. Aliás, o movimento revolucionário de novembro não pode ser entendido sem esse lento acúmulo de desilusão e cólera contra os chefes militares e seus porta-vozes políticos. (LOUREIRO, 2005: 51).

Mas o alto-comando resistia à pressão e continuava confiando na vitória. Em março de 1918, o exército alemão lançou ofensivas desesperadas, sem sucesso. No dia 8 de agosto, desmoralizados e cansados, soldados renderam-se sem luta: o exército já não podia mais garantir a segurança das fronteiras. É precisamente nesse momento que a maioria dos políticos e o conjunto da população descobrem não que haviam perdido a guerra, senão que lhes estava sendo ocultado o fato de que ela já estava perdida há alguns meses.

A catástrofe era iminente e por fim, em 1º de outubro, o alto-comando militar propôs ao imperador a formação de um governo de coalizão nacional e o início de negociações de paz. Tentando agradar ao presidente norte-americano Woodrow Wilson (que no dia 4 de julho havia apresentado um programa de 14 pontos para um possível armistício), forma-se um novo governo presidido por Max de Bade, primo do imperador e nomeado chanceler em 3 de outubro. A Alemanha tornava-se uma monarquia parlamentar e, com o intuito de acalmar os ânimos da população, algumas medidas são tomadas: anistia para os presos políticos, instituição do sufrágio universal na Prússia, promove-se a redefinição das circunscrições eleitorais, resolve-se que o ministério deveria prestar contas ao Parlamento e se estabelece o controle das Forças Armadas pelo governo civil. As antigas elites prussianas tentavam valer-se da insatisfação popular para a articulação de uma monarquia parlamentar, mas a população, vendo no imperador um impedimento para a paz, nutria cada vez mais simpatias pela causa republicana.

Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923

A situação continuava tensa e às exigências dos inimigos para o armistício (queda do imperador, desmilitarização, perda das colônias etc.), faziam com que os generais buscassem ganhar tempo. No entanto, trabalhadores e soldados, que agora sabiam que haviam sido ludibriados durante anos pela propaganda oficial, encontravam-se extenuados e exigiam a paz imediata. Então, o alto-comando passou a pressionar fortemente o governo parlamentar para que propusesse a paz.

Usando a tática de perder os anéis para conservar os dedos, o governo imperial derrotado abre a porta do poder aos partidos políticos, tornando-os ao mesmo tempo responsáveis pelo fim da guerra. Foi uma jogada de mestre das velhas elites prussianas, que assim descarregavam nas costas dos civis toda a responsabilidade pela derrota, mantendo seu próprio prestígio intacto (LOUREIRO, 2005: 53).

A imprensa sofreu censura e a população em geral não soube dessa coação exercida pelo alto-comando. Deste modo, a maior parte da opinião pública acreditou que havia sido o governo parlamentar o responsável pela rendição alemã. Posteriormente, isso ajudaria a direita a difundir o mito da “punhalada pelas costas” (Dolchstosslegende), segundo o qual a Alemanha teria sido derrotada não no campo de batalha, e sim devido à traição e sabotagem interna, promovidas por esquerdistas e judeus.

Revolução de Novembro de 1918 e queda do *Reich*

Entre outubro e novembro, além de greves, ocorrem inúmeras revoltas – especialmente no norte – de suboficiais e em algumas cidades importantes, formam-se conselhos de operários e soldados. Todas essas ações foram acompanhadas de uma “enorme paralisia do poder estatal” (Idem, 2005: 54).

O mês de novembro é fundamental para o desenrolar dos acontecimentos. Inicialmente, espalha-se o rumor de um levante para derrubada do Império, ao que dirigentes do SPD fazem apelos para que a população não atenda ao chamado insurrecional do panfleto espartaquista

George Araújo

que convoca operários e soldados para a ação. Porém, no dia 9, uma multidão de operários, soldados e transeuntes toma as ruas berlinenses e segue em marcha até o centro da cidade. Mais tarde, no Castelo Real, Karl Liebknecht proclama uma “República Socialista” e uma bandeira vermelha é hasteada no local. À tarde, os manifestantes ocupam, praticamente sem resistência, os principais edifícios públicos, o *Reichstag*, a sede da chefatura de polícia (onde um membro do USPD assumiria a direção), uma agência de telégrafos e a sede de alguns jornais. Nos dias que se seguiram, a disputa entre as diversas tendências socialistas, sobretudo entre espartaquistas e social-democratas, transpareceria também através das manchetes dos jornais publicados.

Em todas as cidades (...) os dias de novembro de 1918 se assemelham aos da capital. Greves, manifestações, assembleias gerais, discursos, votações de resoluções, ocupações de prédios públicos, cortejos fúnebres se repetem sensivelmente da mesma maneira, em datas por vezes diferentes, nos centros urbanos de todos os Estados federados que formavam o Império, do Hesse ao Wurtemberg, de Bremen e Lubeck à Saxônia e à Renânia. (...) Todas essas manifestações não reuniram apenas a população operária, mas atraíram também a participação de funcionários, de membros de profissões liberais e intelectuais. (RICHARD, 1988: 40-41).

Na Baviera, o conselho local chega a proclamar a república no dia 7. Dois dias depois, o SPD e o USPD comandam mais manifestações. No dia 9 do mesmo mês, o imperador abdica e instala-se um governo republicano de coalizão entre o SPD e o USPD que, no dia 11, assinaria o armistício com os aliados.

República de Weimar: concepções e disputas

Embora a mudança de regime tenha se efetuado quase sem enfrentamentos, o novo governo tem de arcar com a “pesada herança da derrota” (LOUREIRO, 2005: 62) e a República de Weimar já nasce dividida e contraditória, havendo uma espécie de dualidade de poder entre, por um lado, exército e milícias operárias; e, por outro, governo e conselhos de operários e soldados.

Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923

Aliás, nem mesmo o novo governo era um bloco homogêneo. O SPD há muito defendia uma posição de participação na disputa eleitoral e pacífica transição ao socialismo mediante a implementação de reformas graduais. Já o USPD, sobretudo a Liga Espartaquista, queria a instauração de uma República Socialista. Isso será foco de permanente atrito entre esses campos. Peter Gay chega a afirmar que

o maior e mais pernicioso inimigo da República Weimar era a guerra civil no interior da esquerda republicana (...) que surgiu logo após a proclamação da República; afinal, a própria proclamação foi um ato dirigido não somente contra a Monarquia mas contra os Espartacistas. (GAY, 1978: 25)

De qualquer maneira, prevaleceu um governo de coalizão entre os partidos socialistas. Sem embargo, a aliança entre SPD e USPD era frágil, e as lutas sociais no interior da esquerda somadas ao avanço da direita provocavam grande instabilidade política. Lembre-se também que além desses dois campos, mais ou menos definidos, partidos centristas buscavam “soluções de compromissos e de meios-termos políticos” (PONTEIL, 1971:124 *apud* CURY, 1988: 88). Mais do que apontar simplesmente as diferenças internas do governo,

(...) es necesario preguntarse cuáles son realmente las fuerzas que están presentes en esta Alemania que amenaza con caer en la más completa anarquía. Efectivamente, la situación es explosiva; las manifestaciones populares se suceden sin que se sepa siempre muy claramente por quién y sobre todo contra quién, o por qué, están organizadas. El ejército, en varias regiones, está a punto de escaparse completamente del mando de los oficiales (KLEIN, 1970: 23)

Entre 16 e 21 de dezembro de 1918 realizou-se o 1º Congresso dos Conselhos de operários e soldados em Berlim. Apesar de a maioria dos membros dos conselhos ser (pelo menos até esse momento) simpática aos social-democratas majoritários, esses órgãos eram vistos pelo SPD como um agrupamento de rebeldes radicais e apenas um “dispositivo provisório emergencial” até a organização de uma Assembleia Nacional Constituinte

George Araújo

que estabelecesse um poder fundado no direito e na lei. Já a esquerda radical se opunha à convocação da Assembleia Constituinte e tinha por palavra de ordem “todo poder aos conselhos”, esperando que eles desempenhassem função similar à dos *soviets* na Revolução Russa de 1917.

Nesse momento, a ala mais à esquerda do USPD já apontava para a constituição de um partido comunista (que na Alemanha seria conhecido pela sigla KPD). A maioria dos delegados, estando ligados ao SPD, rejeitou por ampla maioria a proposta de manter o sistema conselhistas como “base da Constituição da República Socialista” e também a de concentrar o poder em suas mãos; convocando eleições para uma Assembleia Constituinte para 19 de janeiro. “Era un modo de indicar que la situación revolucionaria debía finalizar” (IDEM, p. 29). Isso representou uma grande vitória para o SPD e um “(...) desastre político para os que sonhavam com uma revolução socialista [que tivesse como base os conselhos]. Os próprios conselhos recusavam-se a assumir o poder, demitiam-se, suicidavam-se politicamente (REIS FILHO, 1984: 22.) Todavia, os conselhos aprovaram algumas resoluções radicais que estavam em desacordo com a política dos social-democratas majoritários e, portanto,

o que chama a atenção no resultado do Congresso é que operários e soldados, influenciados pelos majoritários, podiam ser a favor de um objetivo moderado, como as eleições para a Assembleia Nacional e ao mesmo tempo desejar mudanças radicais, como a eleição dos oficiais e a nacionalização das fábricas. Essas reivindicações mostram um esboço de programa em torno do qual, nessas semanas, havia amplo consenso do movimento de massas democrático. Pedia-se sobretudo a democratização do Exército, da administração e da economia, e esperava-se dos governos (federal e locais) iniciativas imediatas e incisivas para assegurar a correlação de forças alcançada com a revolução, bem como impedir que os setores reacionários se fortalecessem novamente. Ocioso dizer que os majoritários deixaram engavetadas todas as reivindicações democráticas do Congresso. (LOUREIRO, 2005: 71)

Apesar disso, os partidários dos conselhos estavam convencidos na radicalização da dinâmica social e, de fato, as lutas recrudesceram em meados de dezembro.

Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923

Como o exército estava desmobilizado por exigência dos Aliados e os conselhos haviam aprovado medidas que rompiam com a hierarquia militar, os corpos regulares estavam, de certa maneira, incapacitados de manter a ordem interna e conter o movimento popular. Para cumprir essas funções formaram-se tropas não-regulares, compostas por voluntários treinados para dissolver manifestações em troca de soldo, conhecidas como *Freikorps*. Entre seus quadros figuravam oficiais conservadores e monarquistas do exército que voltavam do *front*, estudantes universitários prussianos e soldados temerosos do desemprego. Unidos por uma perspectiva decididamente anti-revolucionária e antidemocrática, eles se tornariam uma força importante na república. O governo se valeria prontamente dessas tropas para acabar com um aquartelamento de marinheiros em Kiel. Os marinheiros reagiram e com a ajuda de operários, enfrentaram os *Freikorps*. O desgaste provocado pelo episódio forçou a saída do USPD do governo de coalizão e o SPD, que agora estava sozinho no governo, teve sua imagem bastante arranhada perante os setores populares.

1919: Radicalização e reação

Diante desses acontecimentos, o movimento operário em Berlim vai se radicalizando e há a sensação de que apenas a luta armada poderia ser eficaz naquele momento. Não obstante, nem os trabalhadores, nem tampouco os dirigentes revolucionários tinham uma idéia clara do que fazer e as forças conservadoras e contra-revolucionárias se aproveitariam dessa hesitação. Com respeito à situação dos trabalhadores na conjuntura política daquela ocasião, Pierre Broué afirma que

They were driven by a vague awareness that immediate revolutionary violence was their only effective weapon against counter-revolutionary violence (...) the Revolution was in danger and they would have to fight. However, the ways and means of this combat remained obscure to most of them. (...) The November Revolution had been victorious without a real battle; it had reinforced the myth of unity, and shown the illusion that everything

George Araújo

would be easy. (...) The break-up of the coalition government and the dispersion of the myth of unity, together with the suicide of the councils at their own congress, left the Berlin workers with nothing but their weapons and a sharp feeling of imminent danger for which they could see no political remedy. (...) However, at this moment the counter-revolutionary found precisely what the revolutionaries lacked, a leadership able to analyse the relation of forces, and an instrument, a trained, disciplined force. The leader was no longer Ebert, who had been buffeted in the storms of December. It was a member of his party, a Social-Democratic deputy who for many years enjoyed the confidence of the officer corps, Gustav Noske. (...) This man was determined. 'One of us has to do the job of executioner', he declared. (BROUÉ, 2005: 235-237)

No dia 5 de janeiro, uma multidão protestava contra a demissão do chefe de polícia de Berlim, Emil Eichhorn, membro da esquerda do USPD, ocorrida no dia anterior. Sentindo-se confiantes pela força das passeatas, dirigentes do USPD, do KPD (formado a partir da Liga Espartaquista) e de outros partidos preparam uma insurreição. No dia seguinte, a manifestação comandada por eles tem por objetivo derrubar o governo do SPD e passar o poder ao comitê revolucionário, reconvocando o processo de eleições dos conselhos de operários e soldados. Porém, o povo não aderiu e nas fábricas se pedia "(...) o fim da luta fratricida entre os partidos socialistas e o restabelecimento da unidade dos partidos operários" (REIS FILHO, 1984: 25). Aliás, o desejo de união da esquerda não estava restrito aos operários. Essa união também era almejada pelo círculo intelectual esquerdista *Die Weltbühne* que, apesar da baixa tiragem de seu diário, exercia certa influência sobre a intelectualidade berlinense. "Socialist unity was the supreme goal of the Weltbühne writers. They, who knew so little of the workers, devoted a great part of their energies to ending disunity in the working-class movement" (DEAK, 1968: 138). Como rejeitavam a ideia de uma "ditadura do proletariado nos moldes soviéticos", a união preconizada pelo grupo era de inspiração social-democrata. Contudo, após desilusões com o SPD, *Die Weltbühne* chegou a insinuar a necessidade de criação de uma "nova esquerda unida", o que não se concretizou.

Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923

As autoridades explorariam o momento de desorganização dos grupos revolucionários e utilizaram os *Freikorps* para reprimir os opositores. Dezenas de dirigentes foram mortos, entre os quais Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, friamente assassinados no dia 15 de janeiro. Durante todo o mês, as lutas sociais se estenderiam a outras cidades; porém, não havia uma clara articulação entre elas e o governo se aproveitaria dessa desarticulação para contra-atacar.

Em meados de janeiro, na região do Vale do Ruhr, os Freikorps esmagaram as milícias operárias que tentavam fazer valer a decisão da conferência regional dos conselhos de expropriar as minas. Mineiros da região declarariam uma greve geral no final de março, sendo igualmente reprimidos vinte dias depois.

Uma república de conselhos proclamada na cidade de Bremen, em 6 de janeiro, foi desbaratada após menos de um mês. Pouco depois, um movimento grevista na Alemanha central (Halle e Leipzig) foi derrotado no começo de março. Foi quando ocorreu uma greve geral em Berlim, onde se reivindicava

(...) a retomada dos conselhos, liberdades democráticas, milícias operárias, anistia para os presos políticos, julgamento dos covéis do movimento de janeiro, desmobilização dos corpos francos [Freikorps], reatamento das relações diplomáticas com o governo soviético. As tropas governamentais reagiram com grande violência, organizando um verdadeiro massacre e obrigando os trabalhadores a recuar rápida e desordenadamente (REIS FILHO, 1984: 27).

Em abril, uma série de greves em várias cidades (Dresden, Leipzig, Erfurt etc) seria igualmente reprimida. Contudo, na Baviera, os conselhos de operários e soldados de Munique e Augsburg proclamaram uma república conselhistas. Originalmente influenciado pelos anarquistas, logo depois o movimento passou a ser dirigido pelos comunistas. Os conselhos aprovaram a nacionalização do sistema bancário e a organização de um exército próprio, além de tentarem fazer com que os camponeses aderissem às reivindicações.

George Araújo

Mas Munique foi cercada e teve lugar mais um massacre. No começo de maio, o SPD, respaldado pelas eleições para a Assembleia Constituinte e apoiado pelas forças conservadoras, derrotaria os movimentos remanescentes em Leipzig e Erfurt, consolidando seu poder.

1920-1923: Influxo e dispersão

Em 1920, a República de Weimar vivia uma situação bastante contraditória. As derrotas de 1919 abalaram a confiança e a auto-estima do movimento operário alemão. Entretanto, os partidos operários (SPD, USPD e KPD) e os sindicatos continuavam em atividade e exerciam grande influência sobre os trabalhadores. Ademais, se a Constituição da República de Weimar, promulgada em agosto daquele ano, assegurava certas liberdades civis e as conquistas sociais de novembro de 1918, a hiperinflação e o desemprego tornavam o exercício desses direitos algo mais nominal que efetivo.

Por sua vez, a agitação nacionalista de direita encontrava eco na insatisfação popular. A maioria da população alemã sentia-se ultrajada pelo Tratado de Versalhes, assinado no dia 28 de junho de 1919, o qual impunha condições duríssimas ao país. Considerada “única responsável pela eclosão do conflito”, a Alemanha foi condenada a pagar em dinheiro uma pesada indenização pelos “custos de guerra”, limitar seu exército a apenas 100.000 homens, perder 1/8 de seu território e todas as suas colônias. “Este Tratado humilhou e arrasou a Alemanha e por suas condições foi assumido como um verdadeiro Diktat imposto pelos vencedores, sobretudo pela França”. (CURY, 1998: 86). Aproveitando-se dessa repercussão, setores conservadores tentaram derrubar a instável república, com um golpe de Estado em 13 de março de 1920, ação que ficou conhecida como “*putsch de Kapp*”. Apesar de contar com a conivência de muitos militares e políticos de direita, o golpe, liderado pelo alto funcionário do governo prussiano Wolfgang Kapp e pelo general Von Lüttwitz, é derrotado pela resistência dos trabalhadores mediante uma greve geral iniciada em Berlim no dia 14 de março, que fez com que 12

Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923

milhões de trabalhadores cruzassem os braços em todo o país, e também por meio de enfrentamentos armados entre golpistas e milícias operárias.

Fortalecidos, os sindicatos buscavam maior reconhecimento de seu papel social, exigiam o afastamento dos golpistas e seus cúmplices da máquina estatal e a dissolução dos grupos paramilitares; além da aprovação de leis sociais mais progressistas e o aprofundamento do processo de socialização da economia. Essas exigências foram aceitas, mas não seriam atendidas na prática. Foi proposta então, por um dirigente sindical ligado ao SPD, a conformação de um governo composto pelos partidos operários e pelos sindicatos - o que nem USPD, nem o KPD, desconfiados, aceitaram. O erro seria prontamente reconhecido pelas direções desses dois partidos, mas já era tarde, pois o SPD já conseguira se recompor e formar um novo gabinete. Enquanto isso, no Vale do Ruhr, houve novos enfrentamentos armados, mas, isoladas, as milícias operárias acabam derrotadas pelas tropas do governo. Se

(...) com a greve geral de 1920, as massas deram uma impressionante demonstração de sua força potencial, (...) acabaram apenas por obter uma "vitória de Pirro". E o mais grave: no começo de 1920 foi perdida a última oportunidade de criar e enraizar solidamente a República Social, encarada como fim por uma parte do movimento de massas, e por outra como estágio preliminar para uma sociedade socialista. A responsabilidade pelo fracasso recai sobre as lideranças dos partidos operários, que, de maneiras diferentes, se mostraram despreparadas para canalizar essa energia no sentido de uma transformação democrática do país. A partir daquele momento, a iniciativa cabia à contra-revolução. O movimento conselhistas, base de apoio da revolução e da greve geral de 1920, tinha sido definitivamente derrotado. (LOUREIRO, 2005: 121-122)

O fim da Revolução Alemã

No final de 1922, crescia a tensão com a França. Esta, alegando a necessidade de garantir o pagamento das indenizações por parte da Alemanha, claramente ameaçados devido à sua dramática situação

George Araújo

econômica, ocupa militarmente o Vale do Ruhr. A indignação alemã é grande e há uma onda de protestos nacionalistas.

O novo governo, chefiado pelo chanceler conservador Wilhelm Cuno, decreta a “resistência passiva”. Nas regiões ocupadas os operários entraram imediatamente em greve, ao que o exército francês responde com a declaração do estado de sítio e dura repressão, matando dezenas de pessoas.

A “resistência passiva” implicou no agravamento da já terrível situação econômica. Hiperinflação, salários em queda livre, crise social, e o colapso das “instituições, perspectivas, referências. A crise, além de econômica, era social e moral” (REIS FILHO, 1984: 34). O país estava à beira do mais completo caos e a insatisfação social era geral.

Em função disso, há uma crescente radicalização política e o movimento fascista ganhava adeptos, apontando como culpados pela crise a república e o sistema parlamentar. Logo, o governo de Cuno seria derrubado em função da crise social e um novo governo de coalizão é formado.

Concomitantemente, há, desde 1922, um aumento das lutas sociais, com a reparação do movimento operário através da promoção de várias greves e os comunistas se fortalecendo; tanto mais porque desde 1920 o KPD havia se juntado ao USPD, formando o VKPD (Partido Comunista Alemão Unificado). Essa denominação durou apenas alguns meses, voltando o partido a chamar-se KPD. Aliás, se até 1920 as massas populares, através de manifestações espontâneas, tinham sido protagonistas do movimento, isso muda a partir de 1921, uma vez que

as grandes massas dão lugar a um ator principal: o Partido Comunista, que, dilacerado por lutas fratricidas e submetido às exigências da Internacional Comunista (IC), fundada em março de 1919, embarca em duas tentativas frustradas de tomada do poder, cujo resultado é o isolamento. É um processo complexo, cheio de lances dramáticos, em que o jovem Partido Comunista tem sua trajetória marcada pela ausência de lideranças experientes e teoricamente sólidas como Rosa Luxemburgo, assassinada em janeiro de 1919. Mais tarde, a expulsão de outro importante dirigente, Paul Levi, exacerba o processo de desmoralização do

Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923

KPD, culminando na sua total subserviência aos interesses externos e internos da política soviética. (LOUREIRO, 2005: 125)

Entre agosto e setembro de 1923, a direção do Partido Comunista Alemão se reúne em Moscou com a diretoria do Comintern, que no momento apostava na radicalização do processo social e na condução da insurreição na Alemanha. O *outubro alemão* seria a tão ansiada revolução que finalmente tiraria a Rússia do isolamento. Os dirigentes do KPD, por sua vez, esperavam encontrar maciço apoio popular, mas esse erro de avaliação, juntamente com as hábeis manobras políticas articuladas pelo chanceler Gustav Stresemann, membro do Partido Popular Alemão (DVP), para esvaziar e enfraquecer o movimento seria determinante para o fracasso do plano.

Enquanto isso, no Saxe e na Turíngia, formam-se governos operários de coalizão entre os partidos socialistas, ao que o governo, aproveitando-se da agitação fascista, decreta o estado de sítio, proíbe a difusão de publicações comunistas e ordena o desarmamento e dissolução de suas milícias.

No dia 16 de outubro o governo operário do Saxe recebeu um ultimato do novo chefe de polícia da região. Durante o mês de outubro a direção do KPD havia feito todos os preparativos para uma sublevação e decide que havia chegado a hora. A insurreição deveria começar no dia 23 de novembro, a partir de uma greve geral. Em 21 de novembro, os comunistas, na conferência dos conselhos de fábrica, que representavam a vanguarda do movimento operário alemão, tentam aprovar uma resolução que indicasse a resistência à chefatura da polícia e ratificasse a convocação de uma greve geral. Tal resolução não foi aprovada, obrigando o KPD a suspender o levante. Essa decisão parece não ter sido repassada, aceita ou entendida pelos comunistas de Hamburgo, que tentaram sublevar a cidade, sendo rapidamente controlados e reprimidos.

Ante o recuo do KPD o governo tomou severas medidas contra o movimento, como a proibição de greves de solidariedade e a destituição dos governos de coalizão. Em conformidade com a interpretação de Hermann Weber, Isabel Loureiro defende que

George Araújo

o “outubro alemão” não passou de uma tentativa de golpe (...) a serviço dos interesses da União Soviética. Isso mostra como é equivocada a ideia de que os comunistas tinham na Alemanha chances reais de vitória. E também não passa de lenda que um “outubro alemão” vitorioso teria dado perspectivas democráticas ao comunismo internacional. A hegemonia dos comunistas russos (ou seja, os adeptos de Stalin) na IC tinha se aprofundado de tal modo em 1923 que já não era possível mudar a fatídica evolução do comunismo internacional, e em particular, do KPD. (Loureiro, 2005: 163)

Para os revolucionários alemães e para alguns quadros do alto escalão da Internacional Comunista, a Revolução Socialista Alemã, que antes parecia tão perto e possível, surpreendentemente tornava-se cada vez mais improvável.

Interpretações

Durante muito tempo procuraram-se as causas ou os “responsáveis” pelo fracasso do movimento alemão. Faremos uma breve exposição das principais correntes explicativas.

Peter Gay aponta como fator decisivo a “luta fratricida” no interior da esquerda alemã, sustentando que tal conflito era, por sua vez, inevitável.

A unidade Socialista havia sido quebrada com a Guerra; a Revolução Russa e a forma do colapso alemão, que deu aos socialistas uma proeminência assaz artificial e tênue, não fora calculada para restaurá-la. Com o término definitivo do Império em novembro de 1918, o momento do confronto entre os dois grupos socialistas competidores chegara; os interesses na luta pelo poder imediato eram altos, pois os que conseguissem o poder determinariam o futuro da Alemanha – os Espartacistas queriam transformar a Alemanha numa República Soviética; a maioria dos Socialistas, numa democracia parlamentar. (...) O confronto entre socialistas estava em toda a parte; tendo varrido as velhas instituições, a Revolução oferecia novos e inúmeros pontos de atrito. Espartacistas e Socialistas moderados lutavam em Berlim e nas províncias, em reuniões políticas e nas ruas, em assembleias de trabalhadores e em funerais de vítimas de rufiões direitistas.

Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923

Houve muitas palavras violentas, palavras nunca esquecidas ou perdoadas, e as palavras não eram tudo. Todos estavam armados, todos irritados e sem querer aceitar as frustrações; muitos haviam sido treinados para matar e estavam prontos para fazê-lo; a desordem geral encorajava a ação irracional das massas e oferecia abrigo e proteção aos aventureiros políticos. (...) [Os] acontecimentos [que se seguiram] só podiam exacerbar as hostilidades fratricidas: os Espartacistas denunciaram os socialistas governantes como convenientes – açougueiros socialistas ambiciosos – os socialistas do governo acusaram os Espartacistas de serem agentes russos. Tudo isso parecia um comentário sarcástico ao chamado de Marx conclamando os trabalhadores do mundo a se unirem. (GAY, 1978: 26)

Com efeito, as diversas tendências de esquerda muitas vezes enxergavam umas às outras como inimigos a serem combatidos. Essa desunião seguramente fez com que fossem perdidas muitas oportunidades de transformação social e abriu espaço para a ascensão nazi-fascista.

Por sua vez, Claude Klein prefere ressaltar a “ambigüidade” dos acontecimentos e protagonistas de 1918-1919 e a maneira equivocada que teriam sido vistos. Para ele, não houve nenhuma revolução de caráter socialista na Alemanha entre 1918 e 1919.

La ambigüedad fundamental de esta Revolución de noviembre consiste en que, en realidad, nunca tuvo lugar. (...) Simplificando, si la Revolución de noviembre se hizo por la paz, terminó el 9 de noviembre. Si se hizo por la República (¡lo que ni siquiera es seguro!), ocurre lo mismo. Éste es el inmenso malentendido del 9 de noviembre, de este gran día berlinés, de estas horas “revolucionarias” que no sirvieron para nada. Al contrario, saber si la Revolución se hizo en nombre del socialismo, que es la verdadera cuestión, quizá sea más simple y más complejo a un tiempo. Más simple, porque mirándolo de cerca, los actores del 9 de noviembre no quisieron el socialismo. A penas una República democrática burguesa (...). Más complejo porque, por una parte, es muy difícil, si no imposible, analizar las motivaciones de los manifestantes del 9 de noviembre; sin duda estaban divididos y sería muy temerario afirmar que se esperaba la Revolución. La Revolución era posible, ciertamente, pero los que hubieron podido realizarla hicieron todo lo posible por impedirla. Incluso la proclamación de la República, en el fondo, no fue más que una

George Araújo

concesión. Por otra parte, los espartaquistas, que fueron los únicos que intentaron algo después del 9 de noviembre, eran demasiado débiles y cometieron graves errores tácticos. (...) La Revolución terminó aún antes de haber empezado. Las semanas que se siguieron hasta la elección de la Asamblea Nacional Constituyente, no fueron semanas revolucionarias sino tiempo de motines. A pesar de todos sus esfuerzos, Liebknecht y Rosa Luxemburgo no consiguieron transformar los amotinamientos en insurrección. La única posibilidad estaba, de noviembre a enero, en los Consejos de obreros y de soldados, pero (..) fueron totalmente circunvenidos y finalmente marginados de toda actividad política real (KLEIN, 1970: 30-31).

Por parte de organizações inspiradas em alguma vertente leninista a “culpa” é frequentemente atribuída à suposta “traição do SPD”. Segundo Aarão Reis Filho, essa é uma postura errônea que desconsidera a configuração real do partido Social-democrata (que há muito havia adotado uma postura reformista e legalista) e subestima os trabalhadores alemães. O autor faz ainda algumas considerações sobre a derrota da Revolução Alemã e afirma que, para sua devida compreensão, é necessário investigar a história e dinâmica interna da classe operária alemã. Para ele, se bem os operários alemães eram combativos, quando da Primeira Guerra Mundial “estavam profundamente submetidos à ideologia nacionalista das classes dominantes.” (REIS FILHO: 1984, p.73). Ademais, defende que seus combates não tinham caráter revolucionário uma vez que não possuíam um “projeto alternativo à sociedade capitalista [e] os eixos da luta social giravam em torno da melhoria das condições materiais de trabalho e do tratamento dispensado pelos patrões, gerentes e capatazes.” (Idem, p. 79). Outro aspecto levantado por Aarão Reis Filho é o fato de que as revoltas e lutas sociais tiveram sempre caráter local ou regional, sendo que tão-somente em duas oportunidades houve levantamentos amplos do proletariado alemão: a primeira em novembro de 1918, pela instauração da república e a segunda em março de 1920, dessa vez pela manutenção da ordem e da legalidade republicanas. Isso corroboraria a tese do autor de que o proletariado alemão não visava uma revolução socialista, mas buscava apenas o estabelecimento de uma “legalidade republicana”.

Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923

Já Isabel Loureiro (2005) faz um repasso das distintas interpretações que tiveram lugar ao longo dos anos, enfatizando as produzidas no interior da própria historiografia alemã. De acordo com a autora, ainda durante a República de Weimar, começou a ser desenvolvida a interpretação “liberal-democrática”, para a qual os fatos ocorridos entre novembro de 1918 e o começo de 1919 haviam sido uma luta bem-sucedida contra o bolchevismo, fruto da colaboração entre o SPD majoritário, os oficiais do Exército Imperial e a antiga burocracia. Avaliando de maneira positiva a atuação de Ebert e do SPD majoritário (muito caluniados durante o período nazista), considera que este foi fundamental para o estabelecimento da República Parlamentar. Essa interpretação foi hegemônica na República Federal da Alemanha (RFA) depois de 1945 e atendia a certos interesses políticos no começo da Guerra Fria, já que associava defesa da democracia e combate ao comunismo.

Essa interpretação dominante após a Segunda Guerra Mundial se baseava na suposição (que as fontes históricas não comprovam) de que a extrema esquerda do movimento operário alemão teria tido a possibilidade de impedir a construção da República Parlamentar e as eleições para a Assembleia Nacional, impondo uma revolução social segundo o modelo bolchevique. Nessa perspectiva enfatizaram-se fortemente o potencial e as possibilidades de ação das forças que propugnavam a ditadura do proletariado. (LOUREIRO, 2005: 172)

Se bem é certo que “a existência de dois Estados alemães antagônicos levou a uma luta constante pela interpretação e apropriação da história comum” (RÜRUP, 1993: 18), o curioso é que essa interpretação assemelhava-se à marxista-leninista produzida na República Democrática Alemã (RDA) nos anos 50, que dava um papel de destaque à atuação da Liga Espartaquista.

Essa historiografia analisava a revolução de 1918-1919 em função do presente: seu objetivo era tirar “lições” visando a orientar a luta contra o imperialismo naquele momento. Por isso, a direção do Partido Socialista Unificado (SED, nome do KPD na época da RDA) já nos anos 1950 elegeu a revolução de novembro como modelo, para que os historiadores da RDA demonstrassem o papel dirigente do partido naqueles momentos históricos. (LOUREIRO, 2005: 172)

George Araújo

Em 1958, o comitê central do SED formulou algumas teses sobre a revolução de novembro. Se anteriormente ela era vista como uma “revolução proletária derrotada”, agora passava a ser interpretada como uma revolução de caráter “democrático-burguês” empreendida, em parte, através de “métodos proletários”. Conforme essa interpretação, teria faltado naquele, então, um “partido marxista-leninista combatente” e, por isso mesmo, a fundação do KPD teria sido um fato histórico de importância central para o movimento operário alemão. Além disso, Rosa Luxemburgo e a esquerda do SPD eram criticadas por não terem rompido mais cedo com o campo majoritário e formado antes o partido de vanguarda que organizasse devidamente a luta das massas para a obtenção do poder.

A partir desse critério, os historiadores marxistas-leninistas julgavam os grupos políticos naquela conjuntura. Enquanto a direção do SPD era considerada “traidora” e a direção do USPD culpada por incapacidade e falta de clareza, a luta política dos spartakistas-comunistas era avaliada apenas positivamente. A força da Liga Spartakus e sua influência no decorrer dos acontecimentos eram exageradas e sua tática equivocada surgia apenas sob uma luz favorável. Os spartakistas-comunistas apareciam como os únicos verdadeiros revolucionários, que mostravam o objetivo e a direção da luta proletária, estabelecendo-se assim a continuidade da “linha justa” desde o início do comunismo alemão. (IDEM, 2005: 173).

A interpretação hoje dominante, na qual se apoia Loureiro, começou nos anos 1960 na RFA. Baseando-se em fontes documentais, pesquisadores como Eberhard Kolb e Heinrich August Winkler, sustentavam que compreender o real papel desempenhado pelos conselhos era fundamental para o entendimento do período. Em discordância com as interpretações anteriores, demonstra-se que os conselhos de operários e soldados não eram instrumentos de bolchevização dominados pela extrema esquerda, e que a maioria de seus membros pertencia aos social-democratas majoritários e a independentes moderados.

Assim, a interpretação hoje hegemônica conclui que a Alemanha não estava à beira do bolchevismo, e que os majoritários tinham

Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923

uma margem de manobra muito maior do que fazia supor a alternativa bolchevização da Alemanha ou construção da democracia parlamentar por meio da aliança entre social-democracia e elites tradicionais. O governo oriundo da revolução poderia ter dado os primeiros passos para uma socialização das minas e poderia ter usado o potencial dos conselhos a favor de uma reforma política social-democrata. (LOUREIRO, 2005: 175)

Ainda de acordo com essa pesquisa, o movimento operário alemão que no começo podia ser chamado de moderado e movia-se dentro do programa social-democrata, foi se radicalizando em função da incapacidade do SPD - que temia os movimentos de massa espontâneos e acreditava no respeito à legalidade das velhas elites - de realizar esse mesmo programa. Por consequência, para Loureiro,

aquilo que tinha começado em novembro de 1918 como um movimento popular democrático, acabou no primeiro semestre de 1919 em radicalização e resignação. O que poderíamos considerar a terceira fase da revolução, que vai de 1921 a 1923, pontuada pelas tentativas de golpe do KPD, é apenas um desdobramento desse percurso: as grandes massas saíram de cena e foram substituídas pelo Partido Comunista. O alvo dessa interpretação são os dirigentes do SPD (sobretudo Ebert), porém, é uma crítica diferente da dos historiadores marxistas-leninistas: ela não censura os dirigentes social-democratas majoritários por não terem trabalhado para estabelecer a ditadura do proletariado, que eles rejeitavam abertamente, ou por não terem adotado a perspectiva revolucionária de Lênin. A crítica não é externa, mas interna, e mostra que o SPD não quis, com os meios e a margem de manobra de que dispunha, sequer realizar o seu próprio programa. (LOUREIRO, 2005: 172)

Dado que o tema é vasto e complexo, presta-se a múltiplas interpretações e as discussões em torno dele ainda hoje seguem em aberto. Tanto mais porque muitos tinham a revolução na Alemanha como *conditio sine qua non* para o triunfo da Revolução Socialista em escala mundial. Talvez a história mesma mostrasse o contrário, mas uma coisa é certa: caso tivesse sido bem-sucedida, a Revolução Alemã seguramente teria afetado todo o desenrolar histórico ulterior.

George Araújo

Conclusão

Apesar de derrotada, a Revolução Alemã figura como um dos momentos mais importantes do movimento proletário internacional. Se teve um desfecho que muitas vezes foi encarado no decorrer dos anos como “frustrante”, “dramático” ou “lamentável” – o que em certa medida depende do ponto de vista do historiador – há de se sublinhar que em dado momento ela foi uma possibilidade histórica real para a qual os revolucionários de todo o mundo olhavam com vivo interesse. O papel que desempenhou nas esperanças e no imaginário do movimento operário do começo do século XX não pode ser diminuído ou negligenciado tão-somente por não ter tido êxito.

Por tudo isso, a “Revolução Alemã” é um tema de interesse para o momento atual, de crise do capitalismo, já que também naqueles tempos, muitos viam a época em que viviam como uma oportunidade de se repensar as estruturas socioeconômicas às quais estavam submetidos ou mesmo de se tentar construir algo diferente.

Bibliografia

- BROUÉ, Pierre. *The German Revolution, 1917-1923*. Leiden: Brill, 2005.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. “A constituição de Weimar: Um capítulo para a educação”. *Soc.* vol. 19. n.63. Campinas: CEDES, 1998.
- DEAK, Istvan. *Weimar Germany's left-wing intellectuals: a political history of the Weltbühne and its circle*. Los Angeles: University of California Press, 1968.
- GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- KLEIN, Claude. *De los espartaquistas al nazismo: la República de Weimar*. Barcelona: Península, 1970.
- LOUREIRO, Isabel. *A Revolução Alemã, 1918-1923*. São Paulo: Edit. Unesp, 2005.

Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923

- PONTEIL, Felix. *Les bourgeois et la démocratie sociale*. Paris: Albin Michel, 1971.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução alemã: mitos & versões*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- RICHARD, Lionel. *A República de Weimar, 1919-1933*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- RÜRUP, Reinhard. *Die Revolution von 1918/19 in der deutschen Geschichte*. Bonn: Forschungsinstitut der Friedrich-Ebert-Stiftung, 1993.

Recebido em abril e aprovado em agosto de 2009.